

**O PROCESSO DE PAZ EM NEW GAZA:
UMA ANÁLISE DO FILME *NEW GAZA*, DE RITA MARTINS
TRAGTENBERG, E DOS CONTOS “O PROCESSO DE PAZ”, “ISRAEL
EM TRÊS TEMPOS” E “O RETRATO”, DE JACÓ GUINSBURG**

**THE PEACE PROCESS IN NEW GAZA:
AN ANALYSIS OF THE FILM *NEW GAZA* BY RITA MARTINS
TRAGTENBERG AND THREE SHORT STORIES BY JACÓ
GUINSBURG**

Ana Ferreira¹

Resumo: O presente artigo promove uma análise do filme *New Gaza* (Brasil, 2013), de Rita Martins Tragtenberg, criado a partir de três contos de Jacó Guinsburg, integrantes do livro *O que aconteceu, aconteceu* (Brasil, 2000). Em *New Gaza*, Scholem, um judeu ortodoxo, tem a ideia de fabricar bandeiras de Israel e dos Estados Unidos para vender a manifestantes árabes. Mesclando drama, humor e lirismo, o filme aborda o conflito na Faixa de Gaza e retrata a situação dos imigrantes no Brasil. A análise confronta as obras de partida e de chegada, apontando o que foi mantido, alterado e recriado pela cineasta.

Palavras-chave: Guinsburg, “O processo de paz”; cinema e literatura brasileira contemporânea; *New Gaza*, filme brasileiro.

Abstract: This article suggests an analysis of the film *New Gaza* (Brazil, 2013), written and directed by Rita Martins Tragtenberg, adapting three short stories of the book *O que aconteceu, aconteceu* by Jacó Guinsburg (Brazil, 2000). In *New Gaza*, Scholen, an orthodox Judean, has the idea of manufacture Israel and United States flags for sell to arabians protesters. Mixing drama, humor and lyricism, the film boards the conflict in Gaza and retracts the immigrant situation in Brazil. This analysis confronts the tales and the film, identifying what had been preserved, altered and recreated by the cineaste.

Keywords: Guinsburg, “O processo de paz”; cine and contemporary brazilian literature; *New Gaza*, brazilian film.

O conflito palestino-israelense no centro da ficção

“Centenas de manifestantes palestinos queimaram bandeiras dos EUA e de Israel, em Gaza.” Poderia ser essa uma frase extraída do filme *New Gaza*, de 2013, cujo roteiro foi escrito a partir de três contos de Jacó Guinsburg publicados em 2000, mas é a manchete de jornais no mundo inteiro em 6 de dezembro de 2017, quando Donald Trump anuncia que pretende transferir a Embaixada dos Estados Unidos de Tel Aviv para Jerusalém. O apoio e contribuições a Israel foram promessas de Trump na campanha para presidente,

¹ Ana Claudia Ferreira Martins de Souza é bacharela em letras (português e espanhol) pela Universidade de São Paulo. Autora dos livros *Amadora* (2001) e *Carne crua* (2004) e das peças de teatro *As Priscillas de Elvis* (1996) e *Dueto do ciúme* (1998), entre outras. O presente artigo foi desenvolvido como trabalho final da disciplina Literatura Comparada II, ministrada pelo Prof. Dr. Ariovaldo Vidal, em 2016, na Universidade de São Paulo. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8941-8873>. Link para a Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3719153531208567>. Contato: ana.ferr@hotmail.com.

da mesma forma que o apoio à criação do Estado de Israel na Palestina, em 1948, foi uma iniciativa do presidente Truman, visando a votos da comunidade judaica nas eleições.² E o que o Brasil tem a ver com isso? Qual a importância do tema para leitores brasileiros? Como se posicionam os autores dos objetos analisados quanto ao conflito palestino-israelense?

Tendo em conta tais perguntas, o presente artigo busca refletir sobre a questão palestina, a difusão do conflito e a legalidade da criação do Estado de Israel, a partir de uma análise comparativa do filme brasileiro *New Gaza* (Brasil, 2013), de Rita Martins Tragtenberg, livre adaptação de três contos de Jacó Guinsburg, integrantes do livro *O que aconteceu, aconteceu* (Brasil, 2000): “O processo de paz”, “Israel em três tempos” e “O retrato”. Para tal, apresentado o assunto, segue a análise dos contos de Guinsburg escolhidos pela cineasta, depois a análise do filme e o confronto das obras de partida e de chegada, apontando o que foi mantido, o que foi alterado e o que foi recriado pela cineasta.

O conto “O processo de paz” se desenvolve em meio ao conflito em Gaza e associa um judeu ortodoxo a seu amigo palestino em um grande empreendimento: fabricar bandeiras de Israel e dos Estados Unidos para serem queimadas por manifestantes palestinos. Também situado na Terra Santa, o conto “Israel em três tempos” é o reencontro de dois amigos judeus depois de 30 anos: um impressionado com o progresso e as mudanças no país, outro desencantado e até envergonhado com a ocidentalização realizada pelos sionistas em solo palestino. O terceiro conto de Guinsburg escolhido pela cineasta é “O retrato”, ambientado no Brasil, durante a Segunda Guerra, que atravessa a narrativa, sendo o narrador protagonista um jovem judeu brasileiro diante do retrato de um primo da Bessarábia, provavelmente vítima do nazismo. O conflito entre palestinos e israelenses não existe em “O retrato”, mas a inclusão desse conto no filme parece proposital, visto que os judeus oprimidos durante a Segunda Guerra e sobreviventes do Holocausto seriam enviados à Palestina quando criado o Estado de Israel, sob o pretexto religioso de reunir os judeus da diáspora no lugar que teria sido o Reino de Israel há dois milênios – um ineditismo histórico dentro da tradição de apropriação e colonização de terras. Dessa maneira, vinculados aos Estados Unidos e valendo-se da propaganda de progresso e moral para a região, os sionistas compõem “o imperialismo ocupante” e, convertendo judeus oprimidos em opressores, promovem contra os palestinos uma limpeza étnica semelhante à realizada pelas forças nazistas e fascistas europeias, igualmente nacionalistas, o que Edward Said, em *A questão da Palestina* (1992), define como “uma ironia complexa”: “As vítimas clássicas dos anos de perseguição antissemita e do Holocausto tornaram-se, em sua própria nação, carrascos de outro povo, que passou a ser, portanto, vítima das vítimas”. A atitude esquivada de intelectuais israelenses e ocidentais sobre tal dilema Said entende

² A respeito da votação da partilha da Palestina na ONU: “A decisão pró-Israel foi uma iniciativa do presidente Truman para defender seu interesse pessoal nas eleições seguintes, quando pretendia contar com o apoio da comunidade judaica de seu país. A posição de Truman garantiu forte pressão dos EUA, na forma de chantagem e suborno, sobre vários países que sustentavam posição contrária, na votação da partilha [da Palestina], na ONU” (Gomes, A. R. *A questão da Palestina e a fundação do Estado de Israel*, 2001).

■ artigo

como uma traição intelectual, “uma *trahison de clerics* de enormes proporções, sobretudo porque seu silêncio, sua indiferença ou ignorância, e seu não envolvimento, perpetuam o sofrimento de um povo que não merece tão longa agonia” (Said, 2012: XXXIII). Adjacente à apropriação do território e ao silêncio quanto ao dilema, há a força da difusão dos êxitos da colonização sionista, a negação da presença árabe na Palestina, a imagem negativa dos palestinos, frequentemente representados como terroristas, e ainda deportação, prisão e desaparecimento de seus líderes, a persistente censura a “tudo que é escrito por ou sobre árabes” (Said, 2012: 122) e a carência de oportunidades de estudo para crianças árabes em Israel.

No filme *New Gaza*, de Rita Martins Tragtenberg, o conto “O processo de paz”, de Guinsburg, é lido quase integralmente em fragmentos que pontuam sua livre adaptação: a cineasta traz a ação do conto de Israel para o Brasil, transfere a realização da ideia de fabricar bandeiras para a terceira geração e incorpora uma mescla dos contos “Israel em três tempos” e “O retrato”. Dessa forma, mais que adaptar os contos de Guinsburg, Rita os recria livremente em *New Gaza*, repaginando personagens, alterando espaços e atualizando situações.

Rodado entre São Paulo, Florianópolis, Mogi das Cruzes, Cotia, Santos e Guarujá, o filme foi realizado com recursos próprios e equipamentos emprestados, o elenco conta com atores profissionais, com familiares, alguns amigos como o dentista Celso Zilbovicius e o compositor Gilberto Mendes, e Rita Martins Tragtenberg se desdobra em roteirista, diretora, editora, produtora e figurante.

New Gaza é o primeiro longa-metragem brasileiro de ficção a trazer o conflito entre israelenses e palestinos para o centro da trama e compôs a programação da oitava edição do Festival de Cinema Latino-Americano.

Em se tratando de um conflito persistente desde a criação do Estado de Israel e considerando que atualmente o Brasil é o quinto maior importador de armas israelenses, que são testadas contra o povo palestino e usadas para repressão a movimentos sociais e genocídio da população negra brasileira, a reflexão sobre tal evento e suas consequências é de suma importância não apenas para os estudos sobre o Oriente Médio, mas, e principalmente, para o debate sobre as novas formas de dominação pelo imperialismo, sobre censura e perseguição às vozes dissidentes, sobre a luta contra o racismo e também sobre a esperança na resistência em face do poder do grande capital e sua força militar e midiática.

Os contos de Jacó Guinsburg

No livro *O que aconteceu, aconteceu*, os contos “O processo de paz” e “Israel em três tempos” são dispostos em sequência, integrantes únicos da quinta parte do livro, que se divide em sete partes e um “P.S.”. Já o conto “O retrato” integra a segunda parte e se distancia dos outros dois contos adaptados por Rita Martins Tragtenberg em tempo, espaço e

referentes. “O processo de paz” e “Israel em três tempos” tratam do conflito palestino-israelense e dos efeitos da criação do Estado de Israel, respectivamente, ao passo que, no conto “O retrato”, transcorre a Segunda Guerra, quando milhares de judeus morrem nos campos nazistas; grande parte dos sobreviventes deixa a Europa rumo às Américas e outros são encaminhados à Palestina, o que resulta no conflito que se estende até o presente, ao que Guinsburg responde com uma quebra simbólica do muro e cria uma associação possível, como foi quando mulçumanos e judeus bem conviviam e peregrinavam rumo aos mesmos lugares sagrados, em carroças, camelos, cavalos, barcos a vela.

O processo de paz

Narrado em terceira pessoa, “O processo de paz” se compõe dividido em três momentos distintos: o primeiro apresenta o protagonista e a ideia de fabricar bandeiras; o segundo trata da associação de seu amigo palestino à empresa; e o terceiro, do êxito da sociedade. O conto inicia com a descrição de Scholem, um judeu ortodoxo típico, de barba longa e *kapote* negra; a seguir, incorporando termos em hebraico, sabemos que Scholem é migrante, e Israel, mais estado de espírito do que território: “Subira para Israel na sua *aliá*, pela angústia que a permanência no reino das trevas lhe causava e pela fé de que não lhe era dado estar ausente no momento em que os justos ressuscitassem ao chamado das trombetas da Anunciação” (Guinsburg, 2001: 149).

Na dissertação *A questão palestina e a fundação do Estado de Israel* (2001), Aura Gomes expõe duas possíveis motivações para o surgimento do sionismo: “Richard Stevens defende que o movimento nacionalista judaico surgiu como uma reação à assimilação dos judeus pelas sociedades locais”, à perda de identidade e, ainda, “como único meio para preservação da fé judaica”. Já os estudiosos Pinsky, Weinstok e Rodinson consideram a perseguição antissemita na Europa Oriental como principal fator para o surgimento do sionismo (Gomes, 2001: 11). O movimento nacionalista judaico surgiu em 1882, na Rússia, quando, depois do *pogrom* em Odessa, o médico Leão Pinsker propõe a criação de um diretório comandado pela elite, cujo objetivo é estabelecer um “lar seguro e inviolável para o *surplus* dos judeus que vivem como proletários nos diversos países e são um fardo para os cidadãos nativos” (Gomes, 2001: 12). Em 1896, o jornalista e dramaturgo vienense Theodor Herzl cria o sionismo político, publicando *Judenstaat* (O Estado judeu), que propõe um Estado judaico na Argentina ou na Palestina. Aura Gomes observa que o interesse inicial seria solucionar o problema do antissemitismo e assinala que “a ideia de um estado judeu como realização de uma profecia veio mais tarde e até certo ponto foi utilizada como um apelo emocional”, em termos de Stevens (Gomes, 2001: 12). Dessa maneira, os judeus espalhados pelo mundo não estariam apenas se reunindo em um território, mas cumprindo uma profecia bíblica. Outros países foram cogitados e oferecidos para a colonização sionista, todos recusados: a região de El-Arish, na península do Sinai; Chipre, Quênia e Congo, sendo eleita a Palestina, “por ser atrativa devido à

histórica ligação ao judaísmo, que diz ser a Terra Prometida por Deus, o lar judaico bíblico para onde o Messias levará todos os judeus” (Harfoush, 2016: 40). Essa decisão levaria à invenção sionista do Estado de Israel em 1948, reunindo sobreviventes do Holocausto a fim de aumentar a população judaica.³ No conto “O processo de paz”, Scholem se adianta à chegada do Messias e se estabelece em Jerusalém para esperá-lo.

Apresentado o protagonista, o narrador discorre sobre suas crenças, costumes, necessidades e expectativas: “Crente rigoroso”, cumpre os “seiscentos e treze mandamentos” e é pai de “doze filhos varões” em honra às “tribos da grei de Jacó” (Guinsburg, 2001: 150). Apesar de grato às muitas bênçãos recebidas, Scholem lamenta a “demora do Messias” e o “exílio do espírito” pela “preocupação do pão de cada dia”. Assim, às reclamações da esposa Sara-lente pela não inclusão de tarefas cotidianas como “mesa posta” e “roupa feita” entre as bênçãos celestiais, Scholem acrescenta mentalmente “as taxas e os impostos”, se põe a meditar sobre o problema e o narrador indaga: “Como sair deste problema certamente armado por Satã?”. Entre a inclusão das “taxas e os impostos” e a pergunta, o parêntese: “(como se um judeu, na terra que lhe foi desde sempre prometida, precisasse ter outras rendas além das bênçãos e das graças)”, observação irônica quanto à criação do Estado sionista na Palestina e uma crítica ao governo e ao alinhamento aos Estados Unidos, que parece ser o Satã armador de seu problema. A ideia afortunada não bate à sua porta, mas Scholem a vê pela fresta dela: um alarido em árabe chama-lhe a atenção e, ao contemplar um grupo de rapazes que queimam bandeiras de Israel e dos Estados Unidos maldizendo o “ianque Satã” e o Estado sionista, primeiro Scholem se pergunta onde arrumam tantas bandeiras, logo suspeita que sejam adquiridas em Tel Aviv “a peso de ouro” e então lhe vem a ideia de montar uma oficina para fabricá-las.

Pensando sobre a difícil tarefa de “fazer chegar o produto ao mercado consumidor”, Scholem lembra-se do amigo palestino Abu-Aba, que “perdera quase tudo que possuía por causa das lutas e pazes, pelo que lhe fizeram e pelo que deixaram de lhe fazer” (Guinsburg, 2001: 153), e lhe propõe sociedade. Assim, levando as bandeiras por “todos os caminhos de Alá”, Abu-Aba é o sócio ideal para a afortunada inspiração e a sociedade prospera: a pequena oficina logo se converte em fábrica, e a firma, em *corporation*.

Na lembrança da chegada de Scholem a Jerusalém, quando conhece Abu-Aba no mercado, o judeu é o imigrante e o palestino, habitante da terra.⁴ Não constam referências

³ O inapropriado apelo religioso por parte do sionismo parece rechaçado em outro conto de Guinsburg, “O que foi que ela disse?”, ambientado no Brasil, para onde veio o judeu russo Srulik, “como poderia ter ido para a Austrália, pois para a Palestina só pensava ir quando o Messias chegasse” (Guinsburg, 2001: 13).

⁴ Quanto à presença árabe na Palestina, Edward Said esclarece: “A Palestina tornou-se um país predominantemente árabe e islâmico no fim do século VII. [...] Em 1516, a Palestina tornou-se uma província do Império Otomano, mas isso não a tornou menos fértil, menos árabe ou menos islâmica. Um século depois o poeta inglês George Sandys referiu-se a ela como ‘uma terra abundante em leite e mel; adornada por belas montanhas e vales luxuriantes; as rochas produziam excelentes águas; e não havia nenhuma parte desprovida de leite ou renda’. Tais relatos persistem em profusão por todo o século XVIII e XIX, não só nas histórias de viajantes, mas no fim do século XX, em relatórios científicos trimestrais publicados pela Fundação para a Exploração da Palestina, da Inglaterra” (Said, Edward. *A questão da Palestina*, 2012, p. 12-13).

precisas quanto à época, mas o texto sugere que a chegada de Scholem ocorrera num tempo anterior à ida massiva de judeus para a Palestina depois da Segunda Guerra, quando, “além de alegar o direito histórico sobre o território da Palestina, também afirmaram que os palestinos seriam originários da imigração de países vizinhos, ocorrida entre os anos de 1920 a 1948” (Harfoush, 2016: 29), alegava a propaganda sionista. Sua segunda alegação era que a Palestina seria um território desabitado: “Uma terra sem povo para um povo sem terra” foi o *slogan* da mentira que não se sustentou (Said, 2012: 11). Em *Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina*, Normam Finkelstein defende que a “retratação da terra a ser conquistada como uma terra virgem e bravia é um padrão na história”, usada pelos britânicos na expansão do oeste norte-americano: “Mataram os índios e apropriaram-se das terras com a alegação de ser um território desabitado, tratando os nativos da região como selvagens e, portanto, achavam-se no direito de tomar-lhes as terras à força” (Finkelstein, 2005: 171). Também os espanhóis se valeram de discurso semelhante para justificar a conquista da América. A respeito das origens comuns entre o sionismo e o colonialismo europeu, Said compara: “Colonizadores judeus na Palestina ignoram árabes, exatamente do mesmo modo como os europeus brancos na África, na Ásia e nas Américas acreditavam que não existissem nativos e as terras fossem desabitadas, ‘abandonadas’ e improdutivas” (Said, 2012: 171). Não apenas ignoram como divulgam a imagem de bárbaros, reiterada pelo historiador israelense Benny Morris, que justifica a limpeza étnica promovida pelo Estado de Israel e a compara positivamente ao genocídio dos índios americanos pelos conquistadores europeus: “A grande democracia americana não poderia ter sido criada sem a aniquilação dos índios. Há casos em que o bem geral e final justifica atos severos e cruéis cometidos ao longo da história”, diz, em entrevista ao jornalista Ari Shavit no jornal *Haaretz*, em 2004, e conclui que o “erro fatal” de Ben-Gurion foi não ter “levado a cabo uma grande expulsão e limpado todo o país” (Treisman, 2017). Cabe esclarecer que, apesar de defensor do *transfer* e do sionismo, Benny Morris integra o “grupo dos novos historiadores israelenses”, tendo refutado mitos sionistas sobre o abandono da terra pelos palestinos e denunciado atrocidades como casos de estupro e massacre cometidos pelas forças israelenses no livro *The birth of the Palestinian refugee problem, 1947-1949*, publicado em 1988.

Outro argumento insustentável usado pelos sionistas e persistente em Benny Morris se baseou na suposta homogeneidade cultural, sugerindo a transferência dos palestinos para os imensos territórios ocupados por árabes: “Os árabes têm 22 estados. O povo judeu não tinha nem um Estado”.

No conto de Guinsburg, a chegada de Scholem a Jerusalém na juventude parece corresponder a um período anterior à criação do Estado de Israel, assim como a violenta atuação da polícia contra os palestinos é marca de atualidade, e a ironia do narrador de Guinsburg deixa claro seu posicionamento diante do sionismo e do tratamento dirigido aos palestinos, como se nota no trecho em que comenta a gratidão de Scholem à atuação

da divina providência na manutenção da ordem, “certo de que o Senhor usara de todos os seus meios, mesmo que fossem os cassetetes e balas de borracha da polícia” (Guinsburg, 2001: 152).

Em *A questão da Palestina*, Edward Said transcreve lembranças de sua infância acerca da presença sionista cada vez mais institucionalizada no país em meados da década de 1940: “Eles são treinados, estão armados até os dentes, e obviamente têm planos para nossas propriedades”, foi o alerta de um advogado importante na comunidade árabe de Jerusalém (Said, 2012: 201). É importante esclarecer que, enquanto para os sionistas a guerra de 1948 é um grande triunfo que levou à independência de um Estado judeu “após quase 2.000 anos”, para os árabes é a *Nakba* (catástrofe): “destruição da Palestina histórica e limpeza étnica do povo que a habitava”, em termos de Marsalha (*apud* Sahd, 2012: 90).

Em artigo publicado no *Le Monde*, o historiador Zeev Sternhell, especialista em fascismo, equipara a situação dos judeus antes da Segunda Guerra à dos palestinos hoje: “Fica claro como cresce, sob nossos olhos, não um mero fascismo local, mas um racismo próximo ao nazismo em seus primórdios”.⁵

Também a intolerância religiosa entre as partes envolvidas no conflito em Gaza é criticada no discurso do narrador de Guinsburg e na relação entre os personagens: como Scholem, Abu-Aba “na sua religião também era devoto e temente”, ao que conclui, enfatizando graficamente: “– afinal, Alá é outro nome do Deus único” (Guinsburg, 2001: 153).

Ainda que a ideia de Scholem seja um empreendimento atual, com escritório informatizado, a sociedade e a amizade com Abu-Aba na produção de bandeiras parecem atualizar o passado longínquo, pois reúnem ofícios milenares de judeus e árabes: o tintureiro e o mercador. Dessa maneira, associando o personagem judeu a um palestino, o autor parece louvar os tempos de boa convivência entre os dois povos por eles representados, dois povos hoje inimigos, mas que há quase um milênio bem conviviam nas mesmas cidades, peregrinavam aos mesmos lugares santos, quando o petróleo era só um medicamento, e o continente americano, terra incógnita. Nesses tempos, judeus se espalhavam pelo mundo como tecelões e tintureiros, e os árabes constavam nas rotas de comércio, o que se confere no relato de viagem de Benjamin de Tudela, originalmente escrito em hebraico e recentemente vertido ao português por Jacó Guinsburg, sob o título *O itinerário de Benjamin de Tudela* (2017).⁶ Edward Said, em *A questão da Palestina*,

⁵ O artigo publicado no *Le Monde* foi traduzido por Clarisse Meireles para *Carta Maior*: <https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPelo-Mundo%2FZeev-Sternhell-Em-Israel-cresce-um-racismo-proximo-do-nazismo-em-seus-primordios-u21D%2F6%2F39439> (acesso em 16/3/2018).

⁶ *O itinerário de Benjamin de Tudela*. Organização e tradução: Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2017. O relato de Benjamin de Tudela foi escrito entre 1160 e 1173 e é o documento inaugural do gênero relato de viagem. O propósito da viagem é ir à Terra Santa e conhecer as condições em que vivem os judeus espalhados pelo mundo. A viagem, que parte da Espanha, se estende por mais de dez anos, e o itinerário compreende cerca de 200 cidades, incluindo algumas poucas não visitadas por Benjamin, cujas informações se baseiam em relatos alheios, resultando vagas, inexatas ou fantasiosas. A partir dessas considerações e da tradução de

também faz referência a tempos de boa convivência: “Em anos recentes, das profundezas de seu exílio e de sua miséria, os líderes palestinos se referiam a uma época em que a Palestina seria o lugar onde duas sociedades coexistiriam, lado a lado, em paz e harmonia” (Said, 2012: 266). Assim, abstraindo diferenças e crenças e atuando dos dois lados do muro, a Flag & Flags se expande, globaliza seu catálogo, e, “em face dos promissores desdobramentos dos processos de paz e da fabulosa tecnologia dos bombardeiros de asas retráteis” (Guinsburg, 2001: 155), os sócios decidem confeccionar a bandeira da ONU.

Quanto à inclusão da bandeira da ONU no catálogo da Flag & Flags, vale esclarecer que em 1947 a Grã-Bretanha, então potência mandatária da Palestina, renuncia ao mandato, alegando inviabilidade de conciliação entre sionistas e árabes e dificuldades financeiras, e passa a questão para a ONU, que retoma a proposta de partilha da Palestina em dois Estados. Enquanto organização de Estados cujo principal objetivo seria promover a paz mundial, não caberia à ONU a decisão de partilhar um território que aguardava sua independência, tampouco conceder legitimidade e poderes sobre um território que não lhe pertencia, ignorando a vontade do povo nativo, o que seria uma violação do princípio da autodeterminação dos povos (Harfoush, 2016: 140). Quanto ao consumidor-alvo da bandeira da ONU a ser queimada, é possível que seja o povo árabe, mas talvez a Flag & Flags mire os sionistas e os imperialistas se pensarmos em termos de perspectiva, em uma iminente reparação da ONU sobre a partilha da Palestina.

O conto termina com uma nota de 2 de novembro de 1999 sobre o “prosseguimento ao processo de paz”: faz referência à queima de bandeiras na cidade de Gaza e à abertura da Segunda Conferência de Oslo com a presença dos chefes de Estado de Israel, Palestina e Estados Unidos, ao que, “para consignar a relevância de tais eventos”, os fabricantes das bandeiras publicam nos jornais “*New York Times*” e “*Jerusalem Post*” o comunicado em cursivas: “*Paz aos homens de boa vontade que se empenham em cumprir os desígnios do Senhor, é o que deseja o board da Flag & Flags. Amém. Assinado por Scholem Burd e Abu-Aba*” (Guinsburg, 2001: 156).

De acordo com a dissertação *O projeto de paz de Oslo: considerações e críticas sobre as origens do processo de paz Israel-Palestina (1991-1995)*, de Luciana Saab, há duas linhas de pensamento na historiografia sobre Oslo: “Oslo se tratou de [sic] um processo de paz legítimo que fracassou durante sua implementação, e Oslo não foi de fato um processo de paz, mas a normalização do sistema de ocupação militar israelense”. Os israelenses Ben-Ami e Berry Morris atribuem o fracasso do processo de paz aos palestinos, que desperdiçaram “uma chance única e histórica”, recusando o acordo de Camp David. Em confluência ao pensamento de Said, para o historiador e professor israelense Ilan Pappé, “Oslo serviu como um instrumento de submissão política palestina a Israel e como uma forma de prolongar e legitimar sua ocupação nos territórios”. A imagem divulgada

O itinerário de Benjamin de Tudela ao português por Guinsburg, conjecturamos que o autor teve em conta o relato de Tudela na composição do conto “O processo de paz”.

internacionalmente pelos Estados Unidos, de um processo de paz bem-sucedido, Said chama de “fraude de Oslo” (Saab, 2016: 28-50).

Israel em três tempos

Também adaptado no filme *New Gaza*, o conto “Israel em três tempos” figura no livro *O que aconteceu, aconteceu*, imediatamente após “O processo de paz”. Dividido em três partes numeradas e tituladas, o conto tem como narrador-protagonista um judeu que visita Jerusalém, quando, depois de 30 anos estabelecido no Brasil, revê um amigo seu.

Na primeira parte, “Logo ali,” o narrador faz uma reflexão sobre a viagem de avião e a redução de perspectiva e de real encantamento produzida pela curta duração do traslado, e, evocando as maravilhas dos livros de viagem, lamenta a conversão da “atrevida fuga para o infinito” em “planeza do ‘logo ali’” (Guinsburg, 2001: 157). A seguir, reflete a respeito do que “pode ocorrer ao viajante que, tendo partido talvez em busca do ‘lírio do vale’, da ‘rosa de Schaaron’, e ‘desce’ em Tel Aviv”: em vez das figuras que pareciam “profetas saídos de páginas bíblicas, rostos civis profanos” e em lugar “Da Cidade” encontra “uma cidade” que é “o mundo de todos os dias em qualquer parte”, onde o “olhar dá sempre com a monotonia das semelhanças”. E a “perspectiva” reduzida pela curta duração do traslado desaparece nesse “mundo” de mesmice, em maiúscula: “não há lugar para a Perspectiva, para a Viagem, para a Visão”. O narrador generaliza suas impressões, cabíveis a qualquer viajante que, em vez de “ascender” na *aliá*, “desce” na ocidentalizada Tel Aviv. A queixa faz referências à “relação judeu-Israel” e à perda de “sentido ascensional, de peregrinação, de sagração” do “vocábulo hebraico *aliá*” e da viagem à Terra da Promissão, onde encontra roletas, carimbos que normalizam a língua sagrada, a “guarda canina dos anjos do passaporte” e “longos corredores de concreto”. O descontentamento do suposto viajante evidencia sua posição quanto ao imperialismo ocupante e a ocidentalização do que seria a Terra da Promissão: “o olhar dá sempre com as mesmas semelhanças, com o eterno ‘mesmo’ de uma civilização em que o padrão domina” (Guinsburg, 2001: 158-159).

Passada a decepção da chegada, ou a “primeira impressão, ou melhor, abstração”, em “Além”, segunda parte do conto “Israel em três tempos”, o narrador segue decepcionado e a reflexão recai sobre a busca do “típico”, vislumbrando resquícios da cultura árabe: “turbante bizarro”, “caravanas e beduínos”, “sete selos e sete véus”. Entre as possíveis amostras do “típico”, tem destaque uma “viela tortuosa” que não é um bazar, mas apenas sugere “uma ideia de bazar”, ao que o narrador conclui que “o passado não é ruína, mas lenda” (Guinsburg, 2001: 160). De além em além, surgem outros vestígios da presença árabe entre os verbos “aplainar” e “nivelar”, que denotam a atividade homogeneizadora da cultura imperialista sobre espaços sagrados, suscitando “o tédio ou a náusea”, o que se pode entender como rechaço à colonização sionista e ao apagamento da cultura e da história palestina. Em palavras de Said, “a negação sistemática de uma expressiva presença palestina era acompanhada de sua destruição” (Said, 2012: 24). E, paralelamente ao

projeto negativo de negação e obstrução dos palestinos, o projeto positivo de difusão da colonização sionista: seus êxitos, suas instituições fora do comum, a autoestima e o espírito pioneiro. A força da difusão era tamanha que, no Ocidente, a oposição ao plano sionista era vista como um alinhamento ao antissemitismo. Segundo Said, “a proeza do sionismo foi tomar a Palestina de dentro da Palestina e, não menos relevante, fazer a população palestina nativa parecer o intruso” (Said, 2012: 198).

Em negação ao projeto sionista, o narrador de Guinsburg percebe a “realidade dinâmica que procura a todo custo comunicar-se com o que está ‘fora’ e sobretudo com quem está fora, a fim de torná-lo não só constituinte como participante” (Guinsburg, 2001: 162), percepção inclusiva que não seria a mera tolerância à presença árabe, mas sua participação como solução de paz para o conflito. Para Said, os judeus “perderam a oportunidade de engajar-se ao lado de outro povo em uma busca comum, em um território agora comum, em um futuro comum (em oposição a um futuro excludente)” (Said, 2012: 200). Finalmente, o narrador do conto conclui que o proposto pelos conceitos dos clichês não tenha “ainda cristalizado um estado, mas estariam num ‘estado’ em devir” (Guinsburg, 2001: 162), o que parece reiterar a proposta de binacionalidade.

Na terceira e última parte do conto, o narrador enfim assume a primeira pessoa, e as reflexões e descrições cedem lugar à narração propriamente dita e ao diálogo com o amigo, a quem encontra “trinta anos depois”. O encontro se dá no hotel em que o narrador se hospeda em Tel Aviv, “perto do mar”, local totalmente ocidentalizado que lhe parece Miami Beach. O narrador intensifica as queixas quanto à ocidentalização do território palestino, pleno de buzinas e “louvações às genitoras de seus semelhantes”, antes de encontrar o amigo, que, “tendo empreendido esta jornada com as Doze Tribos, mais os russos atrás, e tendo daí emergido ileso em Canaã”, ali está diante de si (Guinsburg, 2001: 163), apresentação que claramente o enquadra entre judeus arrebanhados pelo sionismo para legitimação do Estado de Israel, sendo o propósito primeiro a reunião dos judeus espalhados pelo mundo, representados nas “Doze Tribos”; depois, um refúgio para os judeus russos que sofriam com o antissemitismo e lar para os sobreviventes do Holocausto; e finalmente um país moderno e militarizado aberto a judeus do mundo inteiro,⁷ entre os quais o tal amigo que vivera no Brasil.

No intento de agradar ou talvez por não saber como iniciar a conversa passados tantos anos, o amigo abstrai os efeitos do tempo sobre a aparência do narrador, que, por seu turno, apesar de incrédulo quanto à sinceridade do comentário, também diz que o amigo “quase não mudou”. Entre os pareceres, o narrador expõe sua incredulidade entre parênteses, apontando as visíveis mudanças na aparência e se indaga sobre mudança interior: “A mesma coisa”, se responde, revelando sua perene crença na salvação pelo “messias Marx-Lenin-Stalin”, opostamente ao amigo, beato do “messias Marx-Herzl-

⁷ Said indaga: “Por que é correto que um judeu nascido em Chicago imigre para Israel, enquanto um palestino nascido em Jafa tem de ser um refugiado?” (Said, Edward. *A questão da Palestina*, 2012, p. 267).

Borokhov”, trindades ideológicas que sugerem a procedência ou ascendência russa de ambos, porém pertencentes a distintas correntes.

Enquanto tomam um café, o narrador pergunta ao amigo “o que pensava ele sobre a Israel de hoje”, ao que, depois de balir, opina: “uma loucura total”, clara referência ao progresso do “país judeu” criado à imagem e semelhança dos EUA. O diálogo se desenvolve em discurso direto, e o progresso é explicitado lexicalmente com muitos termos emprestados do inglês: “É tudo *up-to-date*”, “*high tech*”, “exportadores de *know-how*”, e se o “*kibutz* estivesse na praia, seria um *resort*”. Apesar dos elogios, o tom sarcástico do amigo demonstra descontentamento não apenas em relação ao progresso, mas ao governo e à atuação do exército de Israel contra os palestinos desarmados: “Nossa democracia é exemplar, nossa defesa está pronta a travar guerra nas estrelas e nossa CIA sabe onde encontrar cada terrorista, exceto no *shabat*; e sem dúvida resolveremos o nosso problema com os palestinos” (Guinsburg, 2001: 166). E a ironia corrosiva tanto parece se estender à concepção dos judeus como “povo escolhido” como à colonização sionista e o violento avanço sobre o território palestino: “Por um sistema de superposição, construiremos para os nossos ultras uma ‘Israel inteira’”, comentário que parece parodiar a proposta de Leão Pinsker de reunir judeus dispersos pela diáspora na Palestina e “estabelecer um lar seguro e inviolável para o surplus dos judeus” (grifos meus) e que também se refere ao processo que Baruch Kimmerling chama de “despalestinização”.⁸

O narrador visitante se diz admirado com “a qualidade de vida, a liberdade de expressão e o progresso”, no entanto não se identifica com a “sionistada”; menciona um artigo que escrevera sobre a criação do porto que facilitou a entrada dos imigrantes judeus na Palestina⁹ e, por fim, a exclamação e a pergunta: “É um outro mundo, um outro país! Foram mesmo os judeus que fizeram isso?”.

Depois de relembrar conversas travadas em tempos passados no Brasil, o assunto se estreita, cai no pessoal e sabemos que o amigo do narrador fez parte das forças paramilitares sionistas comandadas por Ben-Gurion.¹⁰ O embate ideológico dos amigos remete ao discurso do contraditório Benny Morris, que, apesar de se afirmar esquerdista, não condena ideias de extrema direita, sendo defensor do sionismo, da limpeza étnica e da contenção dos palestinos em prisões.¹¹ Entre termos da linguística, menção a notáveis fotos antigas e algumas alfinetadas, o diálogo revela que ambos pouco mudaram e em muito se assemelham: o narrador critica o amigo “por andar sempre à procura do ideal”, e

⁸ O processo que Baruch Kimmerling chama de “despalestinização” consiste no esforço de israelenses e jordanianos em suprimir o conceito de uma identidade palestina desde a criação de Israel, em 1948, e no armistício acordado com os Estados árabes vizinhos. (Saab, 2016: 82).

⁹ Segundo Aura Gomes, “a Grã-Bretanha deveria retirar-se [da Palestina] antes de 1º de agosto de 1948 e colocar um porto à disposição do Estado Judeu antes de fevereiro de 1948, para facilitar a imigração” (Gomes, 2001: 93).

¹⁰ Ben-Gurion foi primeiro-ministro de Israel de 1948 a 1963.

¹¹ Em entrevista de 2004 ao jornal *Haaretz*, Benny Morris se refere aos palestinos como bárbaros, animais selvagens e defende as prisões: “Algo como uma jaula deve ser construído para eles”.

este revida encerrando o conto com a pergunta: “E você, continua querendo fazer ficção?” (Guinsburg, 2001: 168). Dessa forma, uma visão antinômica aparece nos dois amigos que se acreditavam esquerdistas: o residente crítico ao progresso em Israel, seguidor de Marx e de Lévinas, que, segundo Judith Butler, não reconhece o “rosto” dos palestinos,¹² continua idealista; e o narrador visitante que elogia o “país judeu” com sutil ironia segue pretensão ficcionista.

O retrato

O terceiro conto de Jacó Guinsburg adaptado por Rita Martins Tragtenberg em *New Gaza* é “O retrato”. Em primeira pessoa, o narrador recorda uma carta que chega com o retrato de um primo da Bessarábia.¹³ Atravessado pela Segunda Guerra Mundial noticiada por jornalheiros e alto-falantes, o conto se desenvolve em seis fragmentos.

No primeiro fragmento, diante do retrato do jovem primo, o narrador recorda seu pouco interesse inicial pela carta e pelo retrato quando adolescente, demais ocupado consigo mesmo.

No segundo fragmento, reflete sobre a “monotonia do cotidiano”, bem representada na sua limitada vista à janela do edifício onde vive: sem horizonte, seu olhar tenta divisar um “pedaço de céu” com poucas estrelas, e, tendo à frente apenas um “retângulo de concreto”, logo se “via com os olhos enterrados no chão”.¹⁴ Olhando para baixo, o narrador vê uma prostituta discutindo com um soldado e logo o jornalista que anuncia o “Ultimato de Hitler”, seguido da marchinha carnavalesca “Rema, rema, remador” no “rádio do vizinho”, marcas que determinam o tempo e o espaço da ação. Opostamente aos outros dois contos adaptados no filme *New Gaza*, “O retrato” não aborda o conflito palestino-israelense, mas a Segunda Guerra Mundial, e a marchinha carnavalesca situa a ação no Brasil, numa metrópole que parece São Paulo, com altos edifícios, asfalto, jornalheiros, multidões, onde os pais do narrador, provavelmente oprimidos pelo antissemitismo na Europa Oriental, preferiram se estabelecer, contrariamente ao grande número de judeus russos que seriam encaminhados à Palestina. A escolha dessa marchinha talvez não seja aleatória se pensarmos nos conceitos linguísticos de *tema* e *rema*: respectivamente,

¹² Comenta Judith Butler sobre uma entrevista em que Lévinas parece não reconhecer o rosto dos palestinos: “É interessante que Lévinas tenha afirmado que estamos vinculados a quem não conhecemos e não escolhemos, e que essas obrigações são, estritamente falando, pré-conceituais. Sim, foi o mesmo Lévinas que deu a entender numa entrevista que os palestinos não tinham rosto, que ele só queria estender as obrigações éticas a quem estivesse unido por sua versão das origens judaico-cristãs e gregas clássicas” (Butler, 2017: 32).

¹³ A Bessarábia (atual Moldávia) foi integrante da URSS até 1917. De 1918 a 1940, esteve incorporada à Romênia. Considerando a idade do narrador-protagonista, que saía da adolescência em 1939, quando eclode a Segunda Guerra, pode-se deduzir que os pais do jovem narrador vieram para o Brasil quando a Bessarábia se desligava da URSS. Não se pode afirmar com veemência que “O retrato” é um conto autobiográfico, mas cabe informar que Jacó Guinsburg nasceu na Bessarábia, em 1921, e veio para o Brasil aos três anos de idade.

¹⁴ A queixa e o movimento ascensão-descenso desse jovem narrador remetem aos do personagem Scholem no conto “O processo de paz” sobre a “alma que baixa do céu para a terra” na “mesquinha preocupação do pão de cada dia” (Guinsburg, 2001: 150).

informação conhecida e informação nova. O conto não faz referências diretas às manobras dos sionistas para a criação do Estado de Israel, mas há indícios do urdimento e do conluio entre as nações votantes a favor da partilha da Palestina pontuando a narrativa. Por exemplo: os pneus que chiam sobre o asfalto, imediatamente antes do anúncio do ultimato de Hitler, parecem sugerir futuros acertos da ONU em prol dos sionistas, como o voto da Libéria, obtido na base da chantagem, pressionada pela Firestone Company. A marchinha carnavalesca e a discussão da prostituta com um soldado também parecem uma antevisão do narrador sobre a participação do brasileiro Oswaldo Aranha, declarado antisemita incomodado com os imigrantes judeus no Brasil e “o amigo dos sionistas” na partilha da Palestina quando presidiu a Assembleia Geral da ONU em 1947. Enquanto ministro das Relações Exteriores no governo Vargas, Oswaldo Aranha não poupou esforços para frear a vinda de judeus que fugiam do nazismo. Nessa época, a cidade do Rio de Janeiro recebeu um grande número de judeus refugiados, e a declaração de Aranha de que queria que “Copacabana voltasse a ser carioca” deixa claro o motivo de seu empenho na criação do Estado de Israel na Palestina (Harfoush, 2016: 125). Enquanto presidente da Assembleia Geral da ONU em 1947, Oswaldo Aranha foi fundamental para a criação do Estado de Israel na Palestina: adiando várias vezes a votação, os sionistas e os Estados Unidos ganharam tempo para convencer países contrários a votar a favor da partilha, valendo-se do uso de influências e toda sorte de persuasão, de pressões e promessas, de talão de cheques em branco a casacos de *vison* para as senhoras dos delegados latino-americanos (Gomes, 2001: 92). Quanto aos acordos entre nazistas e sionistas, a intelectual judia Hannah Arendt afirma: “Era um fato da vida corrente que só os sionistas tinham possibilidade de negociar com as autoridades alemãs. Nos primeiros anos, a subida de Hitler ao poder foi vista pelos sionistas principalmente como ‘a derrota decisiva do assimilacionismo’” (Arendt, 1994: 59).

No terceiro fragmento do conto, o narrador recorda o que o pai lhe contava sobre a “vida lá”: “Pequenos vilarejos, agitados por homens barbudos e mulheres de lenço na cabeça” (Guinsburg, 2001: 61), descrição sucinta que remete à expectativa frustrada do narrador do conto “Israel em três tempos”, na Terra Santa ocidentalizada. No entanto, as figuras imaginadas pelo narrador de “O retrato” seriam os judeus estabelecidos nos guetos da Europa Oriental, ou mais exatamente na Bessarábia.

No quarto fragmento, depois de uma noitada com amigos e mulheres, quando enaltece “as maravilhas existentes nos Estados Unidos” e planeja uma viagem à “terra do Tio Sam”, o narrador é despertado por gritos anunciando a Segunda Guerra em discurso direto: “Hitler invadiu a Polônia! Começou a guerra!” (Guinsburg, 2001; 62). As maravilhas norte-americanas, vislumbradas pelo pretense viajante, também podem ser um prenúncio da aliança entre os sionistas e a futura potência imperialista. Cabe esclarecer que antes da eclosão da guerra, a elite judaica norte-americana parca ajuda prestou aos judeus

assimilacionistas oprimidos pelos nazistas e fascistas na Europa.¹⁵ O plano da viagem do narrador “a pé através do continente” americano parece inspirado na tradição judaica de peregrinação à Terra da Promissão, então vislumbrada nos Estados Unidos, mas a ideia é logo arruinada.

No quinto fragmento, o narrador segue assistindo a tudo da janela. As notícias sobre a guerra ocupam as ruas durante todo o dia, que certamente representa o 1º de setembro de 1939, ou seja, do segundo ao quarto fragmento há um salto de um ano, entre o “Ultimato de Hitler” e a invasão da Polônia. À noite, o rádio anuncia que a “Romênia declarou-se neutra”, e o narrador exclama: “Que sorte para os teus!”, distinguindo-se pronominalmente do pai e dos familiares na Bessarábia, inclusive o primo, cujo retrato fita pela primeira vez com “certa curiosidade”. Em tal distinção, igualmente aos judeus oprimidos e massacrados na Europa, o narrador se revela assimilacionista; um brasileiro, portanto.

O interesse do narrador pelo retrato do primo evolui a partir de então e se manifesta verbalmente no fragmento seguinte: depois de ler que “os alemães haviam massacrado grande população judaica da Bessarábia”,¹⁶ o narrador fixa os olhos no retrato e pergunta ao pai se a esperada carta havia chegado, tal qual fizera sua mãe diariamente. A lembrança do narrador é atravessada pelos diálogos do pai com a mãe e depois consigo.

No último fragmento há um novo salto no tempo; os alto-falantes e os jornalistas noticiam o fim da guerra e o narrador, contagiado pela “multidão incalculável” que festeja a paz nas ruas, sente-se “inteiramente despersonalizado” e “parte do mar humano”.

Os festejos seguem até a madrugada e, em sua cama, “meio adormecido”, o narrador vê o “esboço esfumado de um rosto de adolescente sobrepairando a sarabanda de imagens confusas” (Guinsburg, 2001: 65). Assim, longe do palco dos acontecimentos e sem menções diretas ao que teria ocorrido aos familiares da Bessarábia, o conto tem como fundo a Segunda Guerra Mundial, das vésperas ao desfecho. Nesse período, o narrador, que começa demais ocupado consigo, aos poucos vai se interessando pelo retrato sobre a cristaleira e, depois de despersonalizar-se, convertendo seu “eu” em “milhões de seres humanos”, termina sonhando com o primo desaparecido durante a guerra que finda. A presença do

¹⁵ Em *A indústria do Holocausto* (2000), Norman Finkelstein afirma que, “exceto em algumas ocasiões em que foi objeto de doações, Israel praticamente saiu da cena judaica americana logo após sua fundação como Estado”. O interesse ressurgiu depois da guerra de junho, em 1967, quando, “impressionados com o aparato das forças de dominação de Israel, os Estados Unidos resolveram incorporá-lo como um novo recurso estratégico”. Assim, transformando-se em representante do poder norte-americano no Oriente Médio, cresce a assistência militar e econômica, as organizações judaicas americanas firmam a aliança americano-israelense e então as elites judaicas produzem a indústria do Holocausto, que, além de sensibilizar a opinião pública, justificando a criação do Estado de Israel como refúgio dos judeus contra o antisemitismo, colhe contribuições para as vítimas necessitadas, ao que Finkelstein esclarece que “metade da soma vai não para Israel, mas para as instituições judaicas americanas” (Finkelstein, 2001: 25).

¹⁶ “No dia 22 de junho de 1941, a despeito do pacto de não agressão germano-soviético, as tropas nazistas invadiram a União Soviética e, em seguida, ocuparam a Bessarábia e a Bucovina.” *Os primeiros judeus de São Paulo: uma breve história contada através do Cemitério Israelita de Vila Mariana*, de Paulo Valadares, Guilherme Fainguenboim e Niels Andréas.

<<http://www.morasha.com.br/comunidades-da-diaspora-1/bessarabia-era-uma-terra-doce-e-bonita.html>> (Último acesso em 30/7/2019).

retrato, ou do rosto do primo, parece evocar as reflexões de Lévinas: “Apontou em diversas ocasiões que ‘o rosto é o que não se pode matar’”, ao que Judith Butler deduz que, “embora o corpo possa ser morto, o rosto não é morto com ele”, e pouco adiante indaga: “O rosto precisa ser singular sempre, ou pode ser estendido à pluralidade?” (Butler, 2017: 64). O narrador de “O retrato” responderia que pode ser estendido a multidões.

O filme *New Gaza*, de Rita Martins Tragtenberg

O roteiro de *New Gaza* se constrói a partir do conto “O processo de paz”, de Jacó Guinsburg. No entanto, a ação é transferida ao Brasil e atualizada para pouco antes da Copa do Mundo de futebol, em 2014. Como no conto, em *New Gaza* o judeu Scholem (Baldur Liesenberg) tem a ideia de fabricar bandeiras de Israel e Estados Unidos para serem queimadas por manifestantes árabes, porém incumbe seu neto Elias (Vinicius Zinn) de viabilizar o empreendimento. Elias se associa ao amigo palestino Mustafa (Roberto Andreoli), tal qual no conto Scholem a Abu-Aba. No entanto, as bandeiras não são confeccionadas em uma pequena oficina própria, mas por imigrantes bolivianos em uma confecção coreana no Bom Retiro, em São Paulo. O filme é narrado por Baruch (Henrique Tragtenberg), neto mais novo de Scholem, que lê o conto “O processo de paz” em fragmentos, sendo a *voz over* quase sempre sobreposta às oníricas imagens com a menina do véu (Gabriela Moraes).

A leitura de Baruch atravessa toda a trama, da abertura ao final do filme. Entre os trechos do conto, a livre adaptação se desenvolve mantendo personagens originais, como Scholem e sua esposa, Sara-Iente (Beatriz Tragtenberg), e recriando situações e personagens dos outros contos de Guinsburg: a menina do véu é uma versão árabe feminina e animada do primo judeu desaparecido em “O retrato”, e os amigos Ziv (Celso Zilbovicius) e Daniel (Mauro Schames), filho de Scholem, são extraídos do conto “Israel em três tempos”, porém em posições invertidas. O diálogo entre esses dois personagens é o prólogo do filme: se inicia em blecaute, imediatamente após uma brevíssima aparição da menina do véu e Baruch andando na areia de mãos dadas, e se desenvolve inteiramente em hebraico, com legendas (em português ou em inglês). Daniel incorpora o discurso do narrador do conto, mas, em vez de visitar Israel, recebe o amigo israelense em sua casa no Brasil. Daniel e Ziv começam comentando sobre o incêndio de uma escola brasileira em Gaza, depois falam sobre as qualidades do azeite de Israel, ao que o personagem visitante retifica: “Palestina”, o contrário do que se espera de um judeu israelense. Segundo Edward Said, “é impressionante que apenas o fato de se mencionar os palestinos ou a Palestina em Israel, ou diante de um sionista convicto, significa mencionar o inominável” (Said, 2012: LV).

As imagens dos amigos na cozinha da casa de Daniel surgem exatamente com trechos da terceira parte do conto “Israel em três tempos”, adaptado e traduzido do português para o hebraico pelos próprios atores. Qual o personagem do conto, o Ziv de *New Gaza* bale e

se queixa do progresso em Israel, ao passo que Daniel, que lá teria estado recentemente, elogia o que o outro chama de loucura, e por fim ambos concordam que pouco importa o progresso se não há paz. A disputa ideológica entre os personagens do conto é atenuada no filme, e a insistência quanto à ausência de efeitos do tempo sobre a aparência de um e outro desaparece.

Já no prólogo e na abertura de *New Gaza*, os fragmentos temáticos se fundem em movimento fluente, e a sequência de cenas e imagens tanto apresenta os três contos de Jacó Guinsburg como cria a unidade entre eles: abre com a brevíssima aparição da menina do véu e Baruch, então segue o diálogo entre Ziv e Daniel na cozinha e, em dois momentos, intercalam-se imagens de Baruch, que joga *videogame* e escolhe um time de futebol segundo as bandeiras de diversos países (3:08 e 3:51). Em seguida, o menino ganha de Ziv uma camiseta da seleção brasileira com inscrições em hebraico, e ao fim da cena entra o letreiro, sendo os créditos sobrepostos às imagens da menina do véu e Baruch na praia, e logo a leitura de “O processo de paz” (7:13) estabelece a relação temática com as bandeiras apontadas no *videogame*. A ligação entre a abertura, a leitura do conto e o início da ação é sonora, com a canção árabe “Lama Badah”, primeiro na versão original e depois em versão *jingle*, com a introdução de Elias no filme.

Na leitura de “O processo de paz”, Baruch assume a figura de narrador, referindo-se ao protagonista do conto como “meu vovô Scholem”, ou seja, na obra de chegada, o narrador não identificado no conto passa a neto mais novo do protagonista, personagem, todavia, criado a partir do conto “O retrato”, juntamente à menina do véu. Os demais personagens do filme são criação de Rita Martins Tragtemberg, a começar pelo protagonista Elias, neto esquisito de Scholem que levará adiante sua ideia de fabricar “bandeiras para queimar”, em sociedade com o palestino Mustafa, a quem encontra na escola de Tânia, esposa de Daniel, localizada no fictício balneário Nova Gaza. O título *New Gaza*, adiante a referência ao balneário, evoca o conflito palestino-israelense que permeia a obra de partida e figura em língua inglesa talvez como manifestação de adesão da cineasta ao autor Jacó Guinsburg, uma vez que os contos ironicamente incorporam termos em inglês, quase sempre em crítica à relação entre Israel e Estados Unidos.

Em *New Gaza*, estando Scholem no Brasil, a queima de bandeiras, que no conto é vista pela fresta da porta, no filme aparece na televisão. A alteração decorrente do deslocamento espacial não figura apenas nas imagens de Scholem vendo a manifestação pela televisão, mas é incorporada ao texto original na leitura de Baruch sobreposta às imagens do avô, a quem cede a voz (14:50). Em discurso direto, Scholem reproduz um curto trecho de “O processo de paz”, procedimento que vai além da relação dialógica, personificando o personagem do conto: “Onde arrumam tantas bandeiras?”, indaga Scholem. Logo lhe vem a inspiração afortunada, prontamente comunicada ao neto Elias, que cochila no sofá e a quem incumbe da realização. No dia seguinte, Elias reflete sobre a ideia do avô, preocupação muito bem representada por ambientação reflexa na cena do

Bar das Flâmulas: sob o ponto de vista de Elias, que come salame, uma frenética sequência de *flashes* das paredes forradas de bandeiras ilustra o pânico da personagem (16:28).

Opostamente à predestinação na obra de partida, o encontro de Elias com Mustafa se dá casualmente na escola de Tânia (21:00). Pouco adiante, Elias comenta uma série de fracassos do avô, expõe a ideia das bandeiras, e logo Mustafa é o sócio ideal (32:35). Em contraste ao estilo elevado no conto de Guinsburg lido por Baruch, a linguagem dos personagens no filme é coloquial, e a dos jovens empreendedores resvala o estilo baixo, especialmente Mustafa, que, por exemplo, chama Elias carinhosamente de “judeu de merda” e “aquele que se fodeu”. Em convergência de sentido e identidade de ponto de vista com a obra de partida, a relação entre os sócios Elias e Mustafa é amistosa, sem qualquer embate cultural ou religioso; nenhum dos dois segue preceitos ou mandamentos, ao contrário, Elias come salame e doces árabes, e Mustafa, que desde cedo conviveu com crianças judias na escola de Tânia, atenta o amigo sobre o respeito à estrela de Davi e o lembra de que ainda está em tempo de fazer o *bar mitzvah*.

Associados, Elias e Mustafa vão a uma confecção coreana no Bom Retiro (33:25); Mustafa fica preso no banheiro e Elias negocia com a coreana por meio de gestos e fala pausada e articuladamente. Entre as costureiras bolivianas da confecção, eis uma breve aparição da diretora do filme, mas o destaque é Dolores (Paola Coritza), mãe de Uara (Luana Camili), a menina que passa o dia vendo televisão. Em portunhol, Dolores fala das dificuldades em sua chegada ao Brasil com a filha de colo, trabalhando sem receber, ou seja, a questão dos imigrantes vai além dos judeus e palestinos dos contos e resvala no problema do trabalho escravo na confecção de roupas de grandes marcas.

Feito o pedido, dias depois, Elias e Mustafa vão buscar a primeira encomenda, porém, em vez de bandeiras, recebem camisetas estampadas com as bandeiras de Israel e dos Estados Unidos. Elias logo se dá conta do mal-entendido, e seus gestos à coreana são recordados em *flashback* (54:36). Disposto a reparar o prejuízo, pesquisa termos em coreano na internet, volta à confecção, refaz o pedido e finalmente tem as bandeiras. Das muitas ligações sonoras entre as cenas do filme, destaca-se a confecção das bandeiras embalada pela canção árabe que logo se funde ao alarido dos manifestantes árabes na televisão de Scholem, ligação que também pode ser considerada como relação de contraste entre a confecção e o fim da bandeira numa “fogueira votiva” (57:50).

Entre a formação da sociedade de Elias e Mustafa, e a confecção e a exportação das bandeiras, Sara-lente suspeita do envolvimento de seu neto com terroristas árabes e, motivada pela amiga Ester (Lucélia Machiavelli), se disfarça com lenços, chapéu e óculos escuros, e segue os passos do rapaz. A suspeita e a perseguição resultam divertidas: ao ouvirem uma mensagem de Mustafa para Elias o chamando de “judeu de merda”, a expressão dos comentários das duas senhoras é totalmente gestual, com a câmera fechada exclusivamente nos movimentos das mãos das duas senhoras preocupadas. Na primeira atuação como detetive, Sara se mete numa banda que toca na rua; noutra, usa um triciclo

para seguir o neto de bicicleta e é seguida por Scholem, passageiro em outro triciclo, entre outras cenas cômicas. Dessa forma, o ridículo das situações parece parodiar o cerco sobre indivíduos árabes, frequentemente associados ao terrorismo, de acordo com o que divulga a *mass media*.¹⁷ As intervenções de Sara-Iente são integralmente criadas por Rita Martins Tragtemberg e talvez tenham partido de uma frase do conto “O processo de paz”: “Scholem começou a coçar a barba. E assim ficou, dando tratos à ideia, absorto, sem fazer caso das intervenções de Sara-Iente” (Guinsburg, 2001: 153). Curiosamente, no conto o narrador não especifica as intervenções da mulher, e no filme a referência é suprimida na leitura por Baruch, como se a cineasta preenchesse uma lacuna que Guinsburg deixa para o leitor. Também o nome da empresa, Flag & Flags, parece preenchido com a advertência de Scholem quanto a juntar a bandeira de Israel à dos Estados Unidos: “Não quero saber dessa bandeira misturada com as outras!”, diz a Elias, o que sugere a distinção da bandeira de Israel como *Flag* e a dos Estados Unidos como *Flags*, denotando a insatisfação de Scholen quanto ao vínculo de Israel ao “imperialismo ocupante”. Ao despachar a mercadoria, Elias se lembra das palavras do avô, hesita na entrega das bandeiras de Israel junto às outras e quase as lança ao mar (1:15:44).

No fictício balneário Nova Gaza, Tânia (Liana Matheus), de origem árabe, esposa de Daniel, é a idealizadora da escola de educação infantil que reproduz a Escola Neve Shalom, situada entre Jerusalém e Tel Aviv, e igualmente reúne crianças judias e árabes.¹⁸ Na escola de Tânia, não há espaço para a literatura infantil em que judeus bons e corajosos matam árabes traiçoeiros e inferiores,¹⁹ e as crianças representantes dos dois povos dividem o mesmo espaço e juntas realizam as atividades, contrariamente ao que se dá em Israel, onde as oportunidades de estudos para crianças palestinas “são poucas em comparação com as dos judeus”.²⁰

Tânia é provavelmente inspirada na mãe do narrador do conto “O retrato”, já que

¹⁷ Como bem esclarece Edward Said sobre a representação dos palestinos como terroristas: “Não há absolutamente como comparar o que o sionismo fez aos palestinos com o que, em retaliação, os palestinos fizeram aos sionistas [...] e muito pior é a hipocrisia do jornalismo e do discurso intelectual do Ocidente (e do sionismo liberal), que raramente tem algo a dizer sobre o terror sionista” (Said, 2012: XLVIII).

¹⁸ A Escola Neve Shalom, em hebraico, ou *Wahat al-Salam*, em árabe, significa “oásis de paz”. A escola está localizada em Latrun, uma pequena colônia entre Jerusalém e Tel Aviv. O colégio foi criado em 1984, para alunos judeus e árabes. Para garantir uma aprendizagem equilibrada, todas as classes contam com professores judeus e árabes. Os professores árabes falam exclusivamente em árabe para todos os alunos, e os professores judeus em hebraico. Segundo Reem Nashef, uma professora palestina, todos os alunos e professores sabem o hebraico porque é a língua oficial de Israel, de forma que os palestinos são completamente bilíngues; no entanto, não ocorre o inverso (<http://periodismohumano.com/en-conflicto/neve-shalom-el-milagro-de-la-convivencia-entre-israelies-y-palestinos.html>).

¹⁹ A respeito da representação de judeus e árabes na literatura infantil, Said conclui: “Essas ideias são consequência mais ou menos lógica das próprias instituições do Estado, e cabe ao seu outro lado, o benevolente, a tarefa de regular a vida judaica de um modo humanista” (Said, 2012: 104).

²⁰ Sobre as oportunidades de estudo para os palestinos em Israel: “O ensino obrigatório para crianças em idade escolar não é cumprido com rigor pelo Estado; a taxa de evasão é alta”. Entre os problemas, Said destaca a falta de professores, mudanças repentinas no currículo, escolas em péssimo estado e impedimento à aquisição de consciência nacional, sendo os palestinos ensinados “a conviver com sua inferioridade e sua vil dependência do Estado” (Said, 2012: 146).

aguarda notícias de um familiar distante. O mistério sobre o retrato se mantém até quase o final, porém não exposto sobre um móvel da casa, mas entre as páginas de um livro de Carlos Drummond de Andrade que Tânia lê silenciosamente ao longo do filme. Quando finalmente nos revela a menina do véu, a foto é colorida e Tânia a junta com uma de Scholem, em preto e branco, sugerindo um parentesco e/ou a morte de ambos (1:23:50). Tal qual o primo desaparecido na guerra surge em um sonho do narrador de “O retrato”, a menina do véu aparece para Baruch, sempre caracterizada como palestina; assim, de mãos dadas com o menino que veste as cores da bandeira de Israel, as duas personagens são símbolo da possível paz entre os dois povos.

A leitura do conto o “O processo de paz” atravessa o filme em *voz over*, quase sempre sobreposta às líricas imagens de Baruch e da menina do véu; igualmente, a canção árabe “Lama Badah” está presente do começo ao fim, ora instrumental, ora cantada no original, e especialmente convertida em *jingle* da Flag & Flags: a alma do negócio. Tal qual em “O processo de paz”, o negócio prospera em *New Gaza*; no entanto, a ação termina com a partida do navio que leva a primeira remessa de bandeiras, e o êxito se deduz pela leitura dos trechos finais do conto. Por fim, se o fim do conto “O processo de paz”, de Guinsburg, é uma nota sobre a propaganda da Flag & Flags nos jornais *The New York Times* e *The Jerusalem Post*, no fim do filme *New Gaza* a propaganda é o *jingle* de Lívio Tragtenberg.

Terminado o filme, um momento de silêncio para a dedicatória *in memoriam* sobre as imagens silenciosas de Baruch sozinho na areia, depois de despedir-se da menina do véu.²¹ A imagem congela, entra a música-tema e, entre os créditos finais e os agradecimentos, sobrepõem-se imagens do que seria a produção do *jingle*, com os músicos e seus instrumentos, e Mustafa acompanhando a gravação com um fone de ouvido.

Considerações finais

“Quais as razões que levaram o autor do texto mais recente a reler textos anteriores? Se o autor decidiu reescrevê-los, copiá-los, enfim, relançá-los no seu tempo, que novo sentido lhes atribui com esse deslocamento?” (Carvalho, 1992: 51).

Encerramos o artigo com as perguntas de Tania Franco Carvalho, constantes em *Literatura comparada* (1992), e tentamos responder com palavras de Walter Benjamin: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral” (Benjamin, 1996: 226).

Ao criar os contos aqui analisados, Jacó Guinsburg parece ter mirado a tradição dos oprimidos, talvez atualizando as atividades de judeus e árabes d’*O itinerário de Benjamin de Tudela*, obra que traduziu ao português. No relato de viagem, o povo judeu já estava espalhado pelo mundo e sua principal atividade nas terras visitadas por Tudela é a

²¹ “O silêncio no cinema tem o valor de uma ausência de sons reais; é pois um objeto acústico exatamente como a fala, a tosse ou os rumores da rua” (Jakobson, 2007: 157).

produção têxtil.²² Talvez a razão da suposta releitura que Guinsburg realiza na criação da confecção de bandeiras e na sociedade de um judeu e de um palestino seja apontar um tempo em que paz havia entre povos hoje inimigos.

No filme *New Gaza*, a ação do conto é atualizada, e a confecção das bandeiras é terceirizada segundo a realidade atual no Brasil em 2013, quando e onde a confecção e a estamparia não são praticadas por judeus, mas por imigrantes bolivianos em sua maioria, empregados de coreanos ou chineses a serviço de grandes marcas, como a Corporation de Scholem e Abu-Aba, afinal. Dessa forma, Rita Martins Tragtenberg relança no seu tempo o tempo que parece relançado por Guinsburg, deslocamento cujo sentido é confluyente ao do autor dos contos. Mas a confluência não se nota apenas no que foi mantido da obra de partida na de chegada; também no que por ela foi criado seria possível estabelecer uma relação com *O itinerário de Benjamin de Tudela* se pensarmos que a escola da personagem Tânia não existe nos contos de Guinsburg. Além de existir na realidade atual, pode também ter havido nos muitos lugares visitados por Tudela: em Al-Anbar há judeus eruditos, assim como em Bagdá há judeus ricos e eruditos, há sábios, filósofos e magos; na França, eruditos se dedicam ao estudo da lei dia e noite. Em *New Gaza* a escola é um espaço que agrega e educa, donde se pode ver na educação uma alternativa apresentada pela cineasta como possibilidade de paz. Dessa maneira, não apenas os valores da cineasta coincidem com os de Guinsburg, como também os dedutíveis em Benjamin de Tudela, que valorizava a erudição e a sabedoria e é certamente caro ao seu tradutor.

Para o palestino Edward Said, a solução de paz para o conflito entre palestinos e israelenses seria a binacionalidade; em confluência, o historiador israelense Ilan Pappé reconhece a limpeza étnica como crime contra a humanidade e, “para dar chance à paz na Palestina”, a única solução política é “o retorno incondicional dos refugiados para os seus lares” (Pappé, 2016: 27). O também israelense Benny Morris, no livro *One state, two states* (2009), afirma não haver “solução próxima e viável através da solução de dois Estados” e que um Estado único não é possível devido à “falta de vontade árabe de aceitar uma presença judaica soberana no Oriente Médio” (Treistman, 2017). A judia Judith Butler acredita em um aprimoramento das formas ignóbeis de binacionalismo já existentes e propõe “uma nova ordem política que pressuponha o fim do colonialismo de povoamento e implique modos complexos e antagônicos de viver juntos”, proposta que parece simplificada na resposta de Jacó Guinsburg quando perguntado sobre a possibilidade de paz na Faixa de Gaza: “A [rua] 25 de Março convivia perfeitamente com a [rua] José Paulino”.²³

²² Enumeramos algumas menções à produção têxtil dos judeus no relato de Benjamin de Tudela: em Tebas, entre os 2 mil judeus que lá habitam estão os melhores manufactureiros da Grécia em tecidos como seda e púrpura. Já Salônica é lugar de opressão para judeus que se ocupam da manufatura de seda; e tintureiros judeus constam em praticamente todas as cidades por eles habitadas, assim como árabes em toda a rota do comércio; e na Ilha de Kis se comerciavam todos os tipos de tecidos. Também em Bagdá, finas sedas vestem os habitantes, e judeus e árabes convivem em paz: há sinagogas na cidade, e o grande rei Abbasí Hafiz é amigo dos judeus e, muito humilde, faz esteiras e de seu produto vive.

²³ Entrevista com Jacó Guinsburg: <http://jornal.usp.br/artigos/sentido-e-destino-em-vassili-grossman/>.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *Eichmann in Jerusalem. A Report on the Banality of Evil*. Harmondsworth: Penguin, 1994, p. 59. <http://passapalavra.info/2010/06/24723>.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I*. São. Paulo: Brasiliense, 1996.
- BUTLER, Judith. *Caminhos divergentes: judaicidade e crítica ao sionismo*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- FINKELSTEIN, Norman . *A indústria do Holocausto – Reflexões sobre a exploração do sofrimento judeu*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. *Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GOMES, Aura Rejane. *A questão da Palestina e a fundação do Estado de Israel*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, Departamento de Ciência Política, 2001.
- GUINSBURG, Jacó. *O que aconteceu, aconteceu*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- HARFOUSH, Jamal Mahd Hasan. *A questão da Palestina e o Direito Internacional*. TCC apresentado ao Curso de Direito da Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, 2016.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- LUKÁCS, György. *Narrar ou descrever. Marxismo e teoria da literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- PAPPÉ, Ilan. *A limpeza étnica da Palestina*. São Paulo: Sundermann, 2016.
- SAAB, Luciana. *O projeto de paz de Oslo: considerações e críticas sobre as origens do processo de paz Israel-Palestina (1991-1995)*. Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp/Unicamp/PUC-SP), São Paulo, 2016.
- SAHD, Fábio Bacila. *Repensar a Nakba – Os refugiados palestinos de 1948*. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 135, agosto de 2012.
- SAID, Edward W. *A questão da Palestina*. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.
- _____. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- TREISTMAN, Marcelo. *Benny Morris: o que você não queria saber sobre o conflito*. <http://www.conexaoisrael.org/benny-morris-e-o-fim-de-todos-os-mitos/2017-07-21/marcelo> (acesso em 9/3/2019).
- TUDELA, Benjamin de. *Viajes de Benjamin de Tudela (1160-1173)*. Trad.: Ignacio Gonzales Llubera. Madrid: V.H. Sanz Calleja, 1918.

■ artigo

_____. *O itinerário de Benjamin de Tudela*. Organização e tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2017.

XAVIER, Ismail. O olhar e a voz: a narração multifocal do cinema e a cifra da História em São Bernardo. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, n. 2, 1997.

_____. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. PELLEGRINI, Tânia et al. *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Editora Senac/Instituto Itaú Cultural, 2003.

Texto recebido em: 8 de outubro de 2017

Aprovado para publicação em: 1 de março de 2019